

AVOZ DE MELGAÇO

QUINZENÁRIO REGIONALISTA

AB

DIRECTOR
JÚLIO HILARIÃO VAZ

QUINZENÁRIO
PORTE PAGO



Preço Avulso — 20\$00
Publica-se nos dias 1 e 15

Melgaço 1 de Outubro de 1985 — Ano XL — Nº 809 — Tiragem da última edição — 1100 exemplares

NO VI CENTENÁRIO DA BATALHA DE ALJUBARROTA

II

Por muito que pese aos partidários da interpretação dos acontecimentos políticos de 1383-1385 na base da luta de classes, impõe-se afirmar que o núcleo central desta crise reside na programada e não menos contestada sucessão de D. Fernando por D. Beatriz, ao tempo já casada com o rei D. João I de Castela.

O facto é geralmente conhecido, embora a muitos escapem os condicionalismos e as fases do processo histórico conducente a esta situação. Trata-se, com efeito, de um processo longo e complexo, cuja análise exaustiva não se adequa à natureza desta publicação. Limitar-nos-emos, por isso, a apresentar os dados indispensáveis à compreensão da génese desta crise dinástica e respectiva projecção nos acontecimentos ocorridos em 1383 e nos anos seguintes, restringindo esclarecimentos e comentários.

As raízes profundas desta situação mergulham no desastroso ciclo das três guerras fernandinas com Castela, a primeira das quais decorreu entre 1369 e 1371. As circunstâncias em que Portugal entrou neste conflito armado articulam-se com o ambiente de guerra civil vivido em Castela, onde o bastardo Henrique de Tasmara disputava a coroa ao irmão, Pedro I, o Cruel, acabando por assassiná-lo para assim lhe arrebatá-la.

Com a subida de Henrique II ao trono, a facção apoiante do malgrado Pedro I cindiu-se e, enquanto uma parte aceitou o novo rei, outra, desejosa de vingar o regicídio, solicitou a intervenção do nosso D. Fernando, aliciando-o a pretexto de legítimos direitos sucessórios, na sua qualidade de bisneto de Sancho o Bravo, tendo, inclusive, numerosas localidades extremenhas e galegas tomado voz pelo rei português. Seduzido por este coro de adesões, que lhe alimentava a esperança de, em breve, ser também rei de Castela, o nosso monarca cometeu a imprudência de mandar invadir a Galiza. A reacção de Henrique II não se fez esperar e foi de tal ordem que o Minho e Trás-os-Montes sofreram duramente com a passagem das suas hostes. A paz viria a ser alcançada pela assinatura do vexatório tratado de Alcoutim, em 31-3-1371, vendo-se, então, o soberano português obrigado a aceitar, entre outras cláusulas, a que estipulava o seu casamento com D. Leonor, filha de Henrique II. A que ponto baixava na sua dependência de Castela! Procurou, por isso, obter secretamente o apoio inglês e quanto ao seu casamento, aliás também já programado, desde antes da guerra, com outra Leonor, filha do rei de Granada para assim conseguir a sua neutralidade. . . esse viria a realizar-se, em 16-5-1372, em Leça do Balio, mas com D. Leonor Teles de Menezes, ex-mulher de João Lourenço, da Cunha.

É possível que o leitor se interrogue: — Porquê privilegiar esta referência ao casamento do monarca com aquela que o povo, no dizer de Fernão Lopes, tinha por aleivosa e "*huuma maa molher que o tijnha emfeitizado*", quando, afinal, foram silenciados muitos outros aspectos?

É que a importância deste facto foi muito maior do que geralmente se pensa. Com efeito, em relação ao tratado de Alcoutim, representou a violação de uma das cláusulas essenciais à manutenção da paz e deu origem à segunda guerra fernandina com Castela, terminada pelo tratado de Santarém, de 7-4-1373, que delineou nova e complicada política de casamentos, humilhante para a parte portuguesa. Além disso, no plano interno, este casamento de D. Fernando foi considerado como *desonra para o rei e para o povo*, e provocou fortes protestos em Lisboa e noutros pontos do Reino. Na capital, a voz sensata do povo ofendido fez-se ouvir pela boca do alfaiate Fernão Vasques, que logo pagou com a vida a ousadia de ser porta-voz do sentir popular. A represália desencadeada pelo rei contra os maldizentes foi violenta, atingindo, inclusive, o Infante D. Dinis, filho bastardo de D. Pedro e D. Inês de Castro, que, tendo-se recusado ostensivamente a prestar a D. Leonor Teles as honras de rainha, se viu forçado ao exílio em Castela.

Aplicados estes castigos, pretensamente *exemplares*, destinados a acalmar a excitação popular, empreenderam os nossos reis uma intensa política de *atracção* de partidários, baseada na concessão de doações e privilégios e na entrega de alcaldarias a familiares e outras pessoas da sua confiança, incluindo numerosos castelhanos, fugidos à perseguição política movida por Henrique II aos seus opositores e aqui radicados. Esta política de concessão de benesses, que viria a ser incrementada durante e após a terceira guerra fernandina, foi, em grande parte, responsável pela opção castelhana de muitas localidades nortenhas, entre 1383 e 1385.

Durante a segunda guerra com Castela, D. Fernando voltou-se mais uma vez para a Inglaterra e, apesar do tratado de Santarém, pouco depois, em meados de 1373, firmava com ela a Aliança, ratificada pelos tratados de Tagilde e de Londres. Desta forma, no contexto da *Guerra dos Cem Anos*, Portugal entrava na órbita do bloco inglês.

Até 1381, as relações com Castela foram pacíficas. Porém, à medida que os oito anos de tréguas se esgotavam, o nosso rei ia desrespeitando os acordos anteriores. A invasão castelhana não se fez esperar, durando até à paz de Elvas, assinada em 9-8-1382, que, teoricamente, nos fazia transitar para o bloco francês. Terminava, assim, mais uma guerra inútil, como as duas anteriores, rica apenas em sacrifícios de toda a ordem para o povo. A semelhança dos tratados precedentes, também no de Elvas a criação de relações familiares surge como a melhor garantia de paz. Foi por isso que nele se consignou o projecto do casamento de D. Beatriz, herdeira da coroa portuguesa, com D. Fernando, filho

Continua na 2ª página

DA VILA E CONCELHO

DA VILA

Aposentação

José Manuel Cardoso

O funcionalismo público regista mais uma aposentação.

Trata-se do nosso amigo e conterrâneo Sr. José Manuel Cardoso.

Este nosso amigo que é natural desta vila, serviu durante muitos anos na qualidade de agente da Guarda Fiscal, tanto no nosso concelho, como noutras localidades, com dedicação, zelo e amabilidades, qualidades estas que sempre o acompanharam ao longo desses anos, sempre amigo do seu amigo, sem desprestígio da farda que honrosamente envergava.

Chegou pois o momento de o recompensar.

Recompensar merecidamente todo o esforço dispendido pelo público e pela consideração que merecia aos seus superiores.

Ao amigo José Manuel Cardoso não podemos deixar de fazer referência à sua aposentação.

Queremos aqui expressar os nossos votos de uma longa vida, no convívio de seus familiares e amigos.

Alfredo do Paço

VISITANTES

De visita à sua família, estiveram no «Solar de Galvão» desta em gozo de férias os nossos estimados assinantes senhores Dr. Francisco Bótas (médico em Lisboa), acompanhado de sua esposa Sra. Dra. Hélia Anselmo de Castro Bótas, Chefe dos Serviços de Ginecologia e Obstetrícia do Hospital de Santa Maria (Lisboa); Dr. Armando de Magalhães, advogado no Porto, acompanhado de sua esposa Sra. D. Natália Anselmo de Castro Magalhães e Adriano Faria, comerciante e industrial no Porto,

acompanhado de sua esposa Sra. D. Rosália Anselmo de Castro Faria e filhos.

A todos os nossos cumprimentos.

Herculano Rodrigues

Acompanhado de sua esposa Sra. D. Maria Augusta de Carvalho Rodrigues, encontra-se de visita à sua família em Queirão—Paderne o nosso amigo e conterrâneo Sr. Herculano Rodrigues, comerciante e industrial em S. Paulo-Brasil.

Os nossos cumprimentos.

José António de Sousa Lobato

Após ter passado férias junto de seus familiares, regressou a S. Paulo - Brasil o nosso conterrâneo Sr. José António de Sousa Lobato, comerciante naquela cidade, acompanhado de sua esposa D. Mará Cristine de Sousa Lobato e filha.

Desejamos que tivesse feito boa viagem.

António Martins do Paço

Acompanhado de sua esposa Sra. D. Anabela Amaral Martins do Paço, funcionário da União de Bancos Portugueses e filha Ana Cristina, esteve nesta vila de visita à sua família o nosso amigo e conterrâneo Sr. António Martins do Paço, funcionário do Banco Totta e Açores, em Lisboa.

Os nossos cumprimentos.

António Manuel Pinto

Vindo de França, encontra-se entre nós junto de sua família o nosso amigo Sr. António Manuel Pinto, natural de Cortes do Meio (Beira Baixa) e residente nesta vila.

Os nossos cumprimentos.

ANTÓNIO DO PAÇO

Após ter passado uma temporada nesta vila, regressou a

MONTCHANIN-71210-França, onde está radicado há muito o nosso conterrâneo e estimado assinante Sr. António do Paço, acompanhado de sua esposa Madame Wanda Rombel do Paço e filha Marie Claude do Paço.

Na sua despedida este nosso amigo, ofereceu na sua residência um jantar em que reuniu inúmeros familiares e amigos, onde no final se realizou uma festa em que actuou um conjunto musical, composto por elementos de nacionalidade francesa e de Lisboa.

A todos os nossos cumprimentos.

Dr. Manuel Jaime Fernandes

Acompanhado de sua esposa Sra. D. Maria do Sameiro Cerqueira Fernandes e filhos, esteve entre nós de visita à sua família o nosso conterrâneo e estimado assinante Sr. Dr. Manuel Jaime Fernandes, funcionário superior do Banco Pinto e Sotto Mayor, na cidade do Porto.

Os nossos cumprimentos

Dr. Ricardo Figueiredo Cardoso

Acompanhado de sua esposa nossa conterrânea Sra. Dra. D. Maria Fernanda Cerdeira Cardoso, esteve nesta vila em gozo de férias e de visita à sua família o Sr. Dr. Ricardo Figueiredo Cardoso, Juíz de Direito em Lisboa.

Os nossos cumprimentos.

D. c. Oliveira Rodrigues
ADVOGADO

Largo Hermenegildo Solheiro
— MELGAÇO —

VENDEM-SE

TERRAS DE CULTIVO E VINHA.
CASA DE MORADA E POMAR.
ESTRADA JUNTO À PROPRIEDADE.
TRATA - OLINDA PEREIRA
TEL: 42397 - ALVAREDO

VENDE-SE

TERRENO NA VILA (JUNTO AO NOVO MERCADO)
AUTORIZADA CONSTRUÇÃO PRÉDIOS 2 ANDARES
FALAR: CAP. P. DE CASTRO
TEL: 22715 e 22125
VALENÇA

VENDE-SE

MONTE SR.ª DA GRAÇA (JUNTO AO BAIRRO CAMARÁRIO)
5.000m² - ÁREA URBANIZÁVEL
FALAR: CAP. P. DE CASTRO
TEL: 22715 e 22125
VALENÇA

VENDE-SE

LOTES EM SANTO CRISTO (PRÓXIMO DA VILA)
INFRAESTRUTURAS DA MELHOR QUALIDADE
FALAR: CAP. P. DE CASTRO
TEL: 22715 e 22125
VALENÇA

VENDE-SE

QUINTA DE GALVÃO (PARTE DE BAIXO DA E.N.)
FALAR: CAP. P. DE CASTRO
TEL: 22715 e 22125
VALENÇA

SR. EMIGRANTE

DEFENDA O SEU DINHEIRO DA INFLAÇÃO

COMPRE! MAS COMPRE BEM
Temos para si: Vivendas - Apartamentos - Terrenos - Lojas e Escritórios
com rendimento garantido do Norte ao Sul de Portugal

CARLOS RIBEIRO — TEL. 271.12.47
CITÉ DU PETIT THOUARS
75003 PARIS - METRO - REPUBLICQUE

«A VOZ DE MELGAÇO»

PROPRIETÁRIOS
A. LUÍS VAZ — JÚLIO H. VAZ
DIRECTOR ADJUNTO
E ADMINISTRADOR
CARLOS NUNO S. VAZ
Redacção e Administração
Largo da Senhora-a-Branca, 105
4700 — BRAGA — Tel. 25284
Composto e impresso em Offset na
Litografia A. C. — Braga

Assinaturas (Anual)

PORTUGAL — 400\$00
ESTRANGEIRO — 650\$00

Aos assinantes pede-se o pagamento no início de cada ano

DA VILA E

Manuel Cardoso da Costa

De visita à sua família e em gozo de férias, esteve nesta vila acompanhado de sua esposa Madame Janine da Costa e filhos o nosso conterrâneo Sr. Manuel Cardoso da Costa, residente em SAVIGNY - Sur Orge 91600 França, que nos deu o prazer de assinar o nosso jornal, tendo pago o ano de 1986.

Os nossos cumprimentos e gratos pela gentileza.

D. Maria Helena F. Pinto Lares

De visita esteve entre nós a nossa estimada assinante Sra. D. Maria Helena Fernandes Pinto Lares, acompanhada de seus familiares, residentes em Lisboa.

Os nossos cumprimentos.

Arquitecto Luís Manuel Fernandes Pinto

Acompanhado de sua esposa e filhos, esteve nesta vila a passar férias na sua residência da Quinta da Calçada o Sr. Arquitecto Luis Manuel Fernandes Pinto, residentes em

CASA EMY

Móveis, decorações e cortinados, aos melhores preços. Completo e variado sortido em vários géneros.

Rua Dr. Afonso Costa
Telef. 42778 - Melgaço

AUTO MELGAÇO
de
EDUARDO JORGE LOURENÇO

*
TEL. 4 2 4 5 9

S. PAIO MELGAÇO

Lisboa.
Os nossos cumprimentos.

Manuel José Rodrigues

De visita à sua família, esteve entre nós o nosso conterrâneo e estimado assinante Sr. Manuel José Rodrigues, acompanhado de sua esposa Sra. D. Maria de Lurdes Ribeiro Rodrigues e filhos, residentes em França.

Os nossos cumprimentos.

D. Maria Laura Mendes de Oliveira

De visita a seus familiares, esteve nesta vila a nossa estimada assinante Sra. D. Maria Laura Mendes de Oliveira, residente em Lisboa.

Os nossos cumprimentos.

DELIVRANCE

Na maternidade do Hospital de S. Marcos da cidade de Braga, teve a sua feliz delivrance, dando à luz uma menina a Sra. D. Eva Martins Domingues, esposa do nosso amigo conterrâneo Sr. André Domingues.

A recém-nascida, desejamos muitas felicidades e a seus pais os nossos parabéns.

ANIVERSÁRIO

Festejou o seu aniversário natalício o nosso ilustre conterrâneo e estimado assinante Sr. Dr. Domingos Araújo da Cunha Gonçalves, Dgmo. Adido à Embaixada do Brasil em Lisboa.

Por tal motivo, felicitamos o aniversariante, com desejos de longa vida no convívio de seus familiares e amigos.

Bento Gomes

Materiais de Construção Civil

*
Telefone, 4-21 13
4960 MELGAÇO

CONCELHO

Dr. Francisco Pires Caldas

Acompanhado de sua esposa e outros familiares, esteve entre nós em gozo de férias o nosso ilustre conterrâneo Sr. Dr. Francisco Pires Caldas, distinto médico especialista em Gastroenterologia em Viseu.

Os nossos cumprimentos.

Dr. Óscar da Rocha Lima

De visita à sua família e em gozo de férias, esteve entre nós, acompanhado de sua esposa e filhos o nosso conterrâneo e estimado assinante Sr. Dr. Óscar da Rocha Lima, residentes em Lisboa.

Os nossos cumprimentos.

Professor António de Pinho Gonçalves

Acompanhado de sua esposa e outros familiares, esteve entre nós o nosso amigo, conterrâneo e estimado assi-

nante Sr. Professor António de Pinho Gonçalves, residente em S. Martinho do Bispo-Coimbra.

Os nossos cumprimentos.

Manuel Luís Pires

De visita a seus familiares, esteve entre nós o nosso amigo e conterrâneo Sr. Manuel Luís Pires, funcionário da Caixa Geral de Depósitos em Lisboa.

Os nossos cumprimentos.

DE CHAVIÃES Iniciativa Louvável

Um grupo de Senhoras do lugar da Portela do Couto tomou a iniciativa de fazer um peditório pela freguesia, a favor da Corporação dos B. V. de Melgaço, o qual rendeu a quantia de 40.000\$00. Tal iniciativa é digna de registo e outras Senhoras das restantes

Manuel António Ribeiro
SOLICITADOR

Largo Hermenegildo Solheiro
--- MELGAÇO ---

Compre agora e pague
— em 12 MESES, em —

Móveis Castelo
DE Ramiro de Lima A. Cerqueira

+
RUA DAS ESCOLAS
TELEF. 4 26 95 — 4960 MELGAÇO

+
EXPOSIÇÃO:
RUA DA CALÇADA

ELECTROTÉCNICA

António Solha & Irmão
Praça da República — 4960 MELGAÇO

- Rádio - Instalações Eléctricas
- Televisão - Amplificações

Serviços.

Agentes da SIEMENS
Assistência técnica qualificada
TELEFONE. 4 22 94

PASSA-SE

PENSÃO RESTAURANTE ZIP-ZIP
MOTIVO DE RETIRADA DO PROPRIETÁRIO
TEL: 42168 - MELGAÇO

COMPRE

Móveis Leais

ALEGRIA EM SUA CASA

Aprígio Perreira Leal

Armazém Grupo C:
LUGAR DA LOJA NOVA
4960 MELGAÇO

Sede e Fábrica
TELEF. 962161 — MODELOS
4590 PAÇOS DE FERREIRA

freguesias do concelho lhe deviam seguir o exemplo, pois os soldados da paz, tantos sacrificios passam, por vezes arriscando a sua própria vida sem qualquer interesse que não seja a sua abnegação pelo próximo. Por isso, devem ser credores do nosso respeito e da nossa muita consideração.

INCÊNDIO

Mais um incêndio deflagrou nesta freguesia, que teve o seu início na Corga de S. Resendo que rapidamente se propagou aos lugares de Corveira, Val, Teixugueiras e Cótaro, arden-do mato e toda a espécie de arvoredos, principalmente pinheiros de grande porte.

De momento, não se sabe se trabalhou mão criminosa, o que é de supor, sabe-se ao certo isso sim, que ardeu uma extensão de monte numa área aproximada a sete hectares e que os prejuízos são avultados. E mais seriam, se não fosse a pronta comparência dos sacrificados B. V. de Melgaço.

A G.N.R. esteve também nos locais do incêndio e tomou conta da ocorrência, que se deu na tarde do dia 5 do corrente e se prolongou pela noite fora.

Quem parte leva saudades

Com o caminhar para o fim do mês de Setembro, podemos dizer que, a totalidade dos emigrantes que este ano nos visitaram, já regressaram aos seus países de trabalho.

Que Deus lhes dê muita sorte e que para o ano nos volte-mos a ver com a mesma alegria deste ano, são os nossos ardentes votos.

Dr. Paulo Malheiro

ADVOGADO

Parque Delfim Guimarães,
n.º 7 - 1.º Dto. 2700 Amadora.
Telef. 2191503

Regresso a Ermezinde

Depois de ter gozado as suas férias no lugar da Tapada, em companhia dos seus familiares, já regressou a Ermezinde o Sr. Firmino de Carvalho, funcionário superior da Escola Industrial e Comercial daquela localidade, acompanhado de sua esposa e filha.

BREVE VISITA

Num pequeno espaço de tempo de fim de semana, tivemos o gosto de ver nesta freguesia o prezado assinante Sr. Manuel Lopes, residente em Viana do Castelo, que se fazia acompanhar da esposa e filhos.

EM GOZO DE FÉRIAS

Encontra-se em casa dos seus pais no lugar das Lages, a nossa conterrânea D. Elsa Alves Pires Rodrigues, acompanhada de seu marido Sr. Miguel Pires Rodrigues e dos seus filhinhos, Sofia e Rui Miguel, residentes em Sintra.

Que esta estadia entre nós e no convívio dos seus familiares, seja para os visitantes um porvir de bem estar.

BAPTIZADO

No dia 21 deste mês, foi baptizado nesta igreja paroquial um menino a quem foi posto o nome de Rui Filipe Afonso de Sousa Alves, filho de António Augusto Alves e de sua esposa Rosa Maria Afonso de Sousa.

DECORE A SUA CASA COM MÓVEIS

«ACROPOLE»

De Ilda Afonso
Avenida do Novo Hospital
[junto ao Largo da Calçada]
Tel. 42274 4960 Melgaço

- Veja os nossos móveis
- Consulte os nossos preços
- Dámos facilidade de pagamento
- Agradecemos a sua visita

Foram padrinhos o Sr. Abílio José Pereira e sua esposa D. Maria Olinda Pereira, residentes na cidade do Porto.

Para o menino Rui Filipe, formulamos-lhe um mundo cheio de felicidades. Para seus pais e mais família, os nossos parabéns.

A. L. Reinales

CRISTÓVAL Coisas da Nossa Terra

As populações que vivem à margem da estrada nova do Ramo queixam-se que o empreiteiro que abriu aquela artéria lhes deixou sem construir as passagens para os seus prédios.

Por sua vez os moradores da Rua Verde, queixam-se que não podem passar com os seus carros para a mesma rua, devido a não terem acesso condigno para a mesma e isto devido a um montão de terra que deitaram na estrada.

Quem será o responsável por tudo isto?

Continuam as obras do arruamento do cemitério novo

A Junta de Freguesia tem todo o interesse que aquela obra fique o melhor possível, no entanto, é preciso que a Câmara, forneça o material preciso para as obras continuarem.

Quanto ao cemitério que já existia, este torna-se cada vez mais embelezado, só é pena que umas grades de ferro que guarnecem algumas sepulturas, estejam a tornar aquele local em contraste, que não se coaduna com o resto das outras sepulturas.

Segundo nos consta, a Assembleia da Freguesia, já chamou a atenção da Junta para o

Manuel Domingues

ADVOGADO

Escritório:

Rua das Escolas

MELGAÇO

facto. O que é mais grave, é que também soubemos, que os proprietários das mesmas, são pessoas que têm bastantes possibilidades para as poder mandar pintar.

No código das posturas da freguesia, deve existir uma lei, que obriga os proprietários das sepulturas, a limpá-las, ou então, retirar de lá, as grades que estão a afeiar o cemitério.

Oxalá que este meu modesto apontamento, sirva para que as coisas mudem para melhor, para que o nosso cemitério, não fique atrás dos outros doutras freguesias, isto quanto à sua limpeza.

A. F. A.

PAÇOS INCÊNDIOS

Também esta região tem sido bastante afectada por esta onda de calamidade, que este Verão, tem devastado, uma grande parte, do Património Florestal do País.

A Serra da Aguieira, não escapou à regra e desde o primeiro incêndio, provocado pela queima do lixo que desvastou cerca de metade da serra, surgiram outros, que transformou em cinzas toda aquela arborização que seria uma riqueza para futuras gerações.

Estes incêndios, que se supõe de origem criminosa, tem posto em alvoroço, todas as povoações serranas, incluindo os martirizados bombeiros e pessoal dos S. Florestais.

No entanto, há quem não se rale com este estado de coisas.

Os políticos esses, andam atrapalhados com a campanha eleitoral, o interesse deles, é apanhar um lugar ao Sol.

Os Governos que nos tem desgovernado, digo que nos tem governado desde há dez anos a esta parte, nada tem feito para punir os bandidos e criminosos que não querem trabalhar e que se sujeitam a tudo, em troca de uns míseros centavos.

Pobre Portugal ao que chegou!

Ouvimos dizer, que há centenas de processos acumulados

nos tribunais, contra os incendiários, mas que logo que são julgados os infractores, são logo postos em liberdade. Que grande justiça a dos Governos saídos do 25 de Abril.

Contudo, nós ouvimos dizer a um membro do Governo, que as nossas florestas eram em termos da nossa economia, o petróleo de Portugal; pois é, mas o petróleo de Portugal este ano, fica reduzido numa grande parte a cinza, e os montes vestidos de luto.

Enfim, é a destruição duma das maiores riquezas do nosso País. Quem é que lhe acode? ..

FALECIMENTOS

Na sua residência no lugar de Belêco, faleceu há dias o Sr. Augusto Alves, de setenta e dois anos de idade, esposo da Sra. Laurentina Domingues Alves.

O seu funeral que se realizou para o cemitério local, foi largamente concorrido, pois o extinto gozava de geral simpatia, não só nesta freguesia como na sua freguesia donde era natural.

Também em tempos, faleceu na sua residência no lugar de Sá, a Sra. Rofina do Espírito Santo e Sousa, viúva do Sr. Júlio Bailão.

Também recebemos à última hora a notícia, de que faleceu no Brasil, o Sr. Álvaro Gomes, natural desta freguesia, onde viveu no lugar de Sá.

Que repousem todos na paz do Senhor.

Às respectivas famílias enviamos as nossas sinceras condolências.

O Tempo e a Agricultura

Este ano o Verão chegou ao seu termo como manda o calendário, com bastante calor.

As terras estão ressequidas e se não chove os frutos amadu-

ram à pressão, motivo por que os agricultores andam desanimados.

A. F. A.

Ministério da Indústria e Energia Direcção Geral de Energia EDITAL

Eu, ARTUR MESQUITA, Director de Serviço da Direcção-Geral de Energia, faço saber que PAMEL — PANIFICADORES DE MELGAÇO, LDA. pretende obter licença para uma instalação de armazenagem de gases de petróleo liquefeitos — com a capacidade aproximada de 7480 Litros — sita no Lugar da Corredoura - Freguesia de Prado - Concelho de Melgaço Distrito de Viana do Castelo. E como a referida instalação se acha abrangida pelas disposições dos Decretos n.ºs 29034, de 1 de Outubro de 1938 de 198/70, de 24 de Abril que regulamentam a importação, armazenagem e tratamento industrial dos petróleos brutos, seus derivados e resíduos e pelas dos Decretos n.ºs 36270, 422 e 512/80, respectivamente de 9 de Maio de 1947, 11 de Agosto de 1975 e 28 de Outubro que aprovam o Regulamento de Segurança daquelas instalações, com os inconvenientes de perigo de incêndio, explosão e derrames, são por isso e em conformidade com as disposições do citado Decreto n.º 29034, convidadas as entidades singulares ou colectivas a apresentar por escrito, dentro do prazo de 20 dias, contados da data da publicação deste edital, as suas reclamações contra a concessão da licença requerida e a examinar o respectivo processo na Rua do Dr. Alfredo de Magalhães, n.º 68-3.º Dt.º, no Porto.

Porto, 3 de Setembro de 1985

O Director de Serviço

Artur Mesquita

Notícias das Freguesias das Margens do Mouro

É possível que haja leitores

deste jornal que tenham ficado com dúvidas sobre o âmbito deste título e perguntem quais as freguesias das margens do Mouro.

Para esclarecimento quero dizer que o Rio Mouro é aquele que nasce em Lamas do Mouro, banha Cubalhão, Cossó, Gave e Parada do Monte neste concelho de Melgaço. Dito isto, já facilmente todos podem verificar quais as localidades em referência sob o título mencionado.

Estas freguesias, sempre conhecidas por serranas, hoje já atingiram um certo grau de maturidade. Nelas funcionam escolas suficientes para o ensino obrigatório, embora os edifícios ainda deixem muito a desejar. Alguns lugares mais distantes da sede da freguesia têm edifícios próprios construídos pelo povo, fornecendo a Câmara Municipal o material. Aí funcionam as primeiras classes escolares, isto é, até à quarta. Depois as crianças frequentam o Ciclo, ou as Telescolas paroquiais.

As estradas servem quase todos os lugares. Alguns aglomerados populacionais são de tal maneira compactos que somente podem ser servidos pelos caminhos vicinais antigos, mas já arruados a paralelo, ou à antiga portuguesa, por onde só podem rolar carros ligeiros.

As moradias, construídas com o auxílio da emigração, já são geralmente dignas e confortáveis. Na maior parte há água potável ao domicílio. O saneamento é privativo, servindo-se para o esgoto de «FOSSAS».

Junto dos prédios já aparecem belos jardins, trabalhados com gosto.

Em todas estas freguesias foram os cemitérios ampliados, ou construídos novos, quando o antigo não tinha possibilidades de ser aumentado. Estes estão divididos em canteiros, separados por arruamentos.

O mármore que cobre as sepulturas, com a sua cor alviniente, tendo a imagem de Cristo crucificado à sua cabeceira, a dizer a Fé dos que tombaram para a eternidade, mos-

tra-nos a pura amizade dos que, com saudades os viram partir e que se perpetuará, a memória, recordando-os sempre nas suas orações.

A luz eléctrica, instalada em todas as casas, fruto do trabalho persistente do antigo Presidente da Câmara Municipal — Dr. Bento, é um mimo. Pena é que seja tão carinha!!!

Seja permitido aqui dizer ao referido Dr. Bento, tão contestado por muitos, o muito obrigado.

Parada do Monte deve ao Presidente da Câmara citado o facto de não ficar no esquecimento quando as vizinhas foram electificadas. Foi cinco dias antes que ele mobilizou todas as brigadas do distrito para esta freguesia não ficar sem luz.

Na verdade tudo convergia para a humilhação deste pobre povo. Parabéns, Dr. Bento! Esta boa gente nunca o poderá esquecer!

Desejava ainda falar de algumas carências, mas fica para outra vez.

C.

«Vamos ao Rosário de Maria»

É com muita saudade que eu recordo o mês do Rosário na minha terra, quando eu ainda estava a desabrochar para a vida!

O repençar do sino primeiro e em seguida o bomboar do mesmo, altas horas da manhã, fazia com que em todas as casas se acendessem as candeias de petróleo ou azeite e se ouvisse ressoar o grito do chefe da casa: «Amigos, a pé, porque já tocou o sino. Vamos ao Rosário». A chamada estava feita.

A oração familiar, com o oferecimento das obras do dia, o Anjo do Senhor e a consagração à Mãezinha do Céu, principiava. Todos respondiam, enquanto, uns esfregavam os olhos, outros vestiam as calças e outros já iam lavando a cara sonolenta. À miudagem custava um pouco, mas uma vez no caminho, já abarrotado de gente em direcção à Igreja,

Continua

davam largas à sua alegria, cantando, brincando e saltando.

Havia a demora de uma hora desde o primeiro toque no sino até às três badaladas finais, sinal do início dos actos do culto.

Enquanto o sacerdote subia os degraus do altar, as raparigas iniciavam o canto da manhã. Todo o bom povo acompanhava com Santa Alegria.

A missa começava logo e logo começava também a recitação do Santo Rosário dirigido por um bom homem, pai de seis filhos, um dos quais, pela graça de Deus, ascendeu ao sacerdócio, que muito honrou e honra porque ainda é vivo, sendo uma glória do sacerdócio e da Santa Igreja. Que Deus o conserve por muitos anos para santificação do nome de Deus e dilatação do seu reino.

O Rosário era intercalado por cânticos em honra de Nossa Senhora. Na estação da missa o pároco fazia ou lia a homilia.

A comunhão nesses tempos, embora não fosse muito numerosa, era distribuída no fim da missa para esta não ser muito demorada.

No fim do terço, ladainha, oração a Nossa Senhora do Rosário, terminava também a missa com as três Avé Marias do costume. Porém ninguém saía da Igreja sem receber a benção do Santíssimo Sacramento, cantando ainda o Bendito Seja Deus.

Terminavam os actos religiosos da manhã, para quem não comungava.

Era o regresso a casa, cantando, falando, rindo e combinando trabalho.

Os actos do culto nunca demoravam menos de uma hora! Toda a gente de pé ou de joelhos! Não havia bancos, nem cadeiras, nem se falava em almofadas! E, apesar da morosidade dos actos religiosos e da falta de todo o conforto, ninguém saía da Igreja antes de tudo ter terminado.

Chegando a casa, algumas vezes ainda com estrelas no Céu, depois de deitar o almoço

ao gado, servia-se o almoço-jantar, porque ao meio dia não havia refeição nesta época do ano.

O almoço constava do presigo, podendo ser batatas com rojões, ou castanhas cozidas e o caldinho em abundância, deitando pão de milho na tijela. Toda a família ficava satisfeita e, em seguida, era a distribuição do trabalho, se já não tinha sido distribuído à noite.

Cada um enchia os bolsos ou o farnel de pão e com ele passava o dia até à ceia, que era ao escurecer.

Santo tempo este de oração, de austeridade, de sacrifício, mas de verdadeira alegria.

Hoje, em muitas freguesias já não toca o sino para o Santo Rosário de manhã porque ou não há sacerdote que presida, e o nosso povo ainda não se convenceu de que todos somos Igreja e todos temos ministérios a desempenhar, ou então não se faz o sacrifício de madrugar.

As nossas igrejas, ou templos deixaram de se encher. O toque do sino já não desperta. Até incomoda!

Amigos, vem aí o mês do Rosário.

Cheios de fé vamos cantar e rezar.

A. D.

Mini-máquina de escrever

Ela cabe sem problemas em qualquer pasta de executivo: a nova máquina de escrever da Olympia tem o tamanho de uma caixa de compassos e é dobrável. Tem um pequeno teclado e um monitor retangular, no qual aparece o que está sendo escrito. A pequena máquina de escrever é, ao mesmo tempo, um pequeno computador, que pode memorizar mais de 7000 caracteres, ou seja, cerca de cinco a sete páginas de papel-ofício. Através de teclas especiais podem-se «chamar» expressões que são usadas com frequência, cortar ou acrescentar palavras ou frases inteiras. E o texto pode ser transmitido por telefone a outro aparelho do mesmo tipo. Finalmente, a máquina de escrever pode ser acoplada a uma impressora, que imprime vinte linhas por minuto num rolo estreito de papel.

**ASSINE E DIVULGUE
A VOZ DE MELGAÇO**

ASSOCIAÇÃO DE PRODUTORES DE VINHO ALVARINHO

Em 16 de Setembro, na Câmara Municipal de Monção, foi lavrada a escritura de constituição da Associação de Produtores de Vinho Alvarinho que conta já com cerca de 80 associados e tem como finalidade principal lutar em defesa da qualidade de tão precioso néctar e criar condições para que a sua comercialização garanta preços compensadores.

Presentes o Presidente da Comissão de Viticultura, representantes do Ministério da Agricultura e Pescas, o engenheiro Galhano, o Eng. Pinho, o eng. Vasconcelos, o Governador Civil, representantes da Caixa Geral de Depósitos de Melgaço e de Monção, bem como de alguns bancos, o que mostra bem o interesse que a iniciativa suscitou e como as entidades estão conscientes da importância da defesa e preservação do vinho Alvarinho.

O Eng. Galhano, discursando disse que a Associação não fosse vaidosa e que se empenhasse a sério para produzir uvas de boa qualidade e que a fabricação fosse boa. Na mesma tónica insistiu o eng. Pinho: plantar em bons sítios, produzir boas uvas, esmerar-se no fabrico do vinho para evitar descêditos futuros. Era bom que se fosse caminhando no sentido de evitar que haja um tão grande fosso entre o preço de venda por Adeegas, à volta de 500\$00 a garrafa, e a comercialização: entre 1.000\$00 e 1.700\$00, o que faz com que seja o comerciante que enriquece ao mesmo tempo que dificulta a venda do vinho.

O Dr. Sampaio, da Comissão Regional de Turismo, disse que há que fazer com que os turistas venham cá para consumirem o nosso vinho. Lembrou que seria bom que, para promoção do vinho, Viana, o Santinho e outros locais turísticos por excelência possam

contar com a ajuda dos produtores para oferecer como aperitivo Alvarinho em vez de vinho do Porto. A conquista dos mercados tem as suas regras e bom seria que a associação desse um forte contributo para que vinho Alvarinho seja deveras divulgado e publicitado de maneira que atinja maiores frutos e maior implementação real nos hábitos de um número cada vez maior de pessoas.

VENDE-SE QUINTA EM PONTE DE LIMA

A 2 km da Vila (com caseiro ou sem) conhecida por Quinta dos Prados. Área de 40 Mil Metros, incluindo montes que dá para construção. Duas casas em Pedra, Cobertos, Espigueiros, Eira.

Latás a ferro em ramadas, poder de 12 Pipas de vinho, 6 carros de milho, Azeite, sustenta 6 (seis) vacas Leiteiras.

Com todo o pertencer, incluindo rendimentos deste ano, caso não estejam apanhados.

Preço de ocasião 10 Mil Contos, tratamos de Poupança de Crédito.

Trata o procurador: LUÍS PINTO

Rua do Souto, 52
4990 Ponte de Lima
Tel.: 941473

VENDE-SE

Quinta com 16.000 m² com plantação de Alvarinho, devidamente legalizado, casa decaseiros, alvoio, espigueiro, água de nascente por gravidade e ainda água durante o verão.

Junto à estrada nacional Monção - Arcos, ou km 27.800.

Informa - Tel.: 56119.
Atende-se a partir das 19h.

GRANDE ALEGRIA NA CASA DO CERDEDO

Em 28 de Junho nasceu a Ana Isabel Moura Vaz, filha do Engenheiro Manuel Luís Vaz e da Professora Margarida Rosa da Silva Moura e Vaz. Se o nascimento de um filho desejado é sempre motivo de alegria e de gratidão ao Senhor, o nascimento da Ana Isabel foi-o de maneira especial para toda a família e para os amigos do casal. Para dar corpo a essa vivência de alegria, aproveitou-se o baptizado. Assim, coincidindo a data de 31 de Agosto com os 16 anos de sacerdote do tio paterno da Ana Isabel, Pe. Dr. Júlio Vaz, e estando tão próximo do dia 29 em que o avô paterno, João B. Vaz fez 71 anos e o tio Pe. Carlos Nuno tinha celebrado 20 anos de sacerdócio, optou-se por essa data para celebrar o baptizado. Os padrinhos foram o tio paterno, Pe. Júlio Vaz e a tia materna, Rosa Maria estudante universitária. Presidiu à celebração o Pe. Carlos Nuno.



A Ana Isabel no dia do Baptizado



Com a prima Sónia, os avós e os tios, no jardim da Casa do Cerdedo

A Igreja de Rouças rejuvenesceu e engalanou-se para a cerimónia religiosa. A Eucaristia foi solenizada com cânticos da autoria do Pe. Júlio e cantados pelo grupo coral por ele dirigido em Braga. A gravação, feita em óptimas condições e servida por uma boa aparelhagem, permitiu que se tivesse a perfeita sensação de estar a escutar o coro ao vivo. Isso transmitiu uma vivência muito especial a todo o acto litúrgico em que os 80 convidados participaram.

Finda a parte religiosa, foi servido em casa, no Cerdedo, ao fim da tarde, um magnífico copo de água. O convívio foi extraordinariamente animado e deu ensejo às mais entusiásticas manifestações de sã alegria e de convívio, a que não faltou um animadíssimo mini-arraial minhoto. Das mais divertidas era a Sónia, prima da Ana Isabel, filha do Dr. António Luís Vaz e de Maria de Lurdes Morais Vaz, que trabalham e residem em Braga. Apenas com 5 anos, a Sónia não se cansou de dançar toda a noite e de a todos animar com a sua garra e entusiasmo.

As maiores honras ao excelente vinho da casa foram feitas por todos os presentes que continuaram a beber do vinho servido pela casa e não se entusiasmaram pelo espumante, apesar de ser muito bom.

A noite foi passando célere, tanto mais que a estadia ao ar livre, no jardim, iluminado, juntamente com a bela música e a dança davam ao convívio um ambiente de excepcional acolhimento, onde o diálogo era fácil e comunicativo, e em que todos podiam comprovar como se pode viver sadiamente e sem complexos a sã alegria entre cristãos.

Oxalá que cada vez mais filhos possam ser acompanhados e acarinhados como o foi e é a Ana Isabel, e que todos quantos gostaram de estar presentes possam ajudar a que muitos outros saibam, de facto, viver a alegria cristã de uma nova vida.

Para a Ana Isabel, seus pais e demais familiares íntimos os votos de que ela seja digna continuadora de tão rica tradição familiar, porque aí terá a melhor garantia de uma vida verdadeiramente feliz.

Parabéns, às Juntas de Freguesia

O Ministério da Administração Interna vai distribuir 500 mil contos, ainda este ano, para a construção de sedes das Juntas de Freguesia.

Este ano serão beneficiadas 336 Juntas.

SERRALHARIA ARTÍSTICA C O D Y

— PORTAS — CAIXILHOS —
— MARQUISES —
(Tudo em Alumínio Anodizado)

de — Carlos Alberto Codesso
Granjão - Paderne Telef. 42244

4960 Melgaço



No momento de se tornar Filha de Deus pelo Baptismo

A ALIMENTAÇÃO É BASE DE SAÚDE

No dia 16 de Outubro, celebrou-se, mais uma vez, o Dia Mundial da Alimentação. Com isto pretende-se uma coisa muito concreta: chamar a atenção de governos e populações dos diferentes países para o grave problema que é a alimentação — 500 milhões de pessoas sofrem de malnutrição — ou seja, têm problemas de saúde devido a carências ou desequilíbrios alimentares.

Importa que o governo tome medidas urgentes nomeadamente no campo da produção de géneros alimentares. Mas não menos importante é a intervenção que cada um de nós deve ter.

Importa, por exemplo, saber que, se a alimentação é factor importante para a saúde de toda a gente, ela tem uma importância ainda maior em determinadas fases e situações da vida, como é o caso da gravidez.

Se a mulher grávida não se alimenta correctamente não só o bebé é afectado como ela própria vai ter problemas de saúde.

A difícil situação económica de muitas famílias tem reflexos imediatos na alimentação. Mas comer bem nem sempre é gastar muito. E atenção! Dizer que a mulher grávida deve comer melhor, não quer dizer comer por dois!

Ela deve fazer uma alimentação variada comendo todos os dias:

— Ovos, peixe ou carne. Mas carne não é só o bife e o peixe não é só a pescada ou o linguado. E não precisa de comer por dia, mais do que 50 a 75 gramas de carne ou peixe.

— Leite, pelo menos meio litro. Ele é essencial!

— Frutas e saladas, não esquecendo o pão e outros alimentos à base de cereais.

Comer 5 a 6 vezes ao dia e menos de cada vez é outra regra de alimentação correcta.

Se está grávida lembre-se que vale a pena fazer um esforço para ter uma alimentação

correcta: está a defender a sua saúde e a do seu filho!

Direcção Geral dos Cuidados de Saúde Primários

EXÉRCITO USURPADOR por Francisco Ferrelra

Em 23 de Fevereiro de 1985 o Exército Soviético completou o 67º aniversário de existência. Há cinco anos, a partir de Dezembro de 1979, esse exército invadiu o Afeganistão, país fronteiro da União Soviética.

Esse exército nasceu, supostamente, para defender a liberdade dos povos da Rússia «nova». Eis como o órgão central do PC, jornal «Avante!» caracterizou nos seguintes termos o Exército referido:

«O Exército Soviético é amado e respeitado pelos povos de todo o Mundo que compreendem que dele só podem esperar amizade, respeito e ajuda... (Avante, Fev. 1955).

Até hoje a direcção cunhalista do PC tem pretendido negar a invasão de tropas soviéticas no Afeganistão... A realidade é mais crível do que a opinião dos chefes do «Avante!» e demonstra que esse Exército se tornou um instrumento de usurpação e terror!

Os chefes políticos e militares da URSS ordenaram a invasão do Afeganistão com fins expansionistas, e para manterem no poder, em Cabul, o agente do Kremlin, Babrak Karmal. É indubitável que os governantes do Kremlin contraíram uma enorme responsabilidade, e não só moral, de que deverão prestar contas e, em primeiro lugar, certamente, aos familiares dos soldados e outros que perderam a vida nesse país asiático ao longo de cinco anos de guerra.

De acordo com os cálculos de especialistas ocidentais — e afegãos — só mil jovens soviéticos já perderam a vida no Afeganistão».

O povo afegão bate-se pela Pátria e pela liberdade!

É fácil compreender — escreve o semanário Pensamento

Russo — que «essa guerra se torna um factor na vida política interna da URSS. A população da URSS não aplaude essa aventura, menos ainda quando chegam terríveis encomendas (caixões) do Afeganistão»...

O órgão dos escritores da URSS «Literatúrnaia Gazeta» de 9 de Janeiro passado, desmentiu inadvertidamente os dirigentes cunhalistas do PC, ao informar que na aldeia de Bluja, na Bielorrússia Soviética, foi «erigido um busto ao combatente que pereceu, no cumprimento do dever internacionalista, na unidade do contingente limitado de tropas soviéticas que se encontra provisoriamente no território do Afeganistão» (sic).

O «contingente» de mais de 120 mil soldados e oficiais soviéticos que se encontra no Afeganistão onde espalha a morte, é, também, o garante do regime totalitário da URSS, tão elogiado por Cunhal.

Outros contingentes soviéticos protegem, elementos idênticos a Karmal, em países do Continente Africano, Angola entre eles...

A despeito dos factos evidentes, «O Diário» pretende negar a invasão e os crimes cometidos no Afeganistão pelo «tal contingente soviético», e apresenta os Estados Unidos e outros países como agressores e invasores, ao escrever:

«Islamabad paga os favores de Reagan com a cumplicidade na agressão contra o Afeganistão». (In-O Diário, 19.2.85).

É preciso ter lata! «O Diário» e particularmente o seu director, partidário de regimes autoritários como o soviético, assim como o emissário enviado por Cunhal a Cabul tentaram negar a invasão militar soviética no referido país fronteiro da URSS. Os factos porém são obstinados.

Qualquer português sensato já sabe que o Afeganistão está ocupado militarmente pela URSS. Isso foi reconhecido, inclusivé, pelo «Literatúrnaia Gazeta».

O Exército Soviético criado

para defender a liberdade dos povos da URSS e outros, segundo o «Avante!», tornou-se um exército agressor, expansionista, dócil instrumento da perigosa política do PC e do Kremlin soviéticos.

Esse exército agrava as condições de vida dos povos da URSS, ele é a «instituição soviética mais custosa ao absorver uns 40 por cento das verbas da receita geral do Estado da URSS para manter quatro milhões de homens no serviço militar activo — afirmam elementos dissidentes soviéticos.

Qual o objectivo de tantos milhões de militares em armas?

Atenção, Lavradores Castas de vinho verde, recomendadas

As castas brancas e tintas de vinho verde recomendadas e autorizadas nas regiões produtoras bem como as percentagens observadas na região demarcada estão definidas na Portaria 195/85-publicada no Diário da República 10 de Abril e que revoga a 701 de 1973.

As castas brancas recomendadas, e com direito a 75% de plantio na região demarcada, são a Loureiro, a Pedernão, a Asal e Trajadura. As autorizadas e com direito a 25% de plantio são a Alvarinho, a Pedernão, a Asal, a cainho de Moreira, a Esganhos, a Lameiro, a Pintosa, a Batoca, a Rabigato, a Aveso, a Cascas e a Douradinha.

As castas de vinho tinto recomendadas e com direito a 75% de plantio são a Brancelho, a Pedral, a Vinhão, a Espadeiro, a Borraçal e a Rabo de Ovelha, enquanto que as autorizadas a Borraçais, a Verdelho, a Doçais, a Pical, a Tinto-cão, a Espadeiro, a Sousão e a Asal é de 25 por cento.

Esta determinação de castas para os vinhos verdes visa promover uma melhor qualidade do mesmo, em ordem à sua competitividade com os vinhos dos países da CEE e a maior possibilidade de exportação para os mercados

mundiais, onde os Estados Unidos, Brasil, Venezuela, Canadá e Angola se apresentam como os maiores consumidores.

A região dos vinhos verdes compreende uma área de aproximadamente 8 mil quilómetros quadrados, limitada pelos concelhos de Melgaço a Norte, Baião a Leste e Val de Cambra a Sul, incluindo plantio de vinha em cerca de 25 mil hectáres.

Outra das apostas é a das castas brancas, pois a produção de vinho verde branco está a ser insuficiente para a procura a crescer à medida de 20% ao ano, enquanto a tendência do consumo de tinto é para diminuir.

O CONTRABANDO

A imprensa tem-se referido com insistência ao contrabando nas fronteiras portuguesas.

«O Diabo» de 8 de Janeiro deste ano, fazia o seguinte comentário:

«Contrabandistas

Com tempo de antena

A poucos momentos de este jornal entrar nesta rotativa somos informados de que algo de insólito (ou já não?) está a passar no jornal das 20 horas. O autarca socialista Nabeiro, entrevistado, «dá a

bênção» ao contabando perante o pasmo de várias pessoas que nos telefonam. Mais: considera-o um «precioso auxílio»... já se sabe para quem... e não foi contra a ideia de se tratar, até, de uma actividade patriótica...

Como é evidente, não vamos poder tratar do caso nesta edição — e talvez não tenha sido por acaso foram escolhidos este dia e hora para a sua emissão.

Esta foi, de resto, a forma mais eloquente de a televisão dar como provada a nossa denúncia de que é exactamente o poder político que está a protger o contrabando.

Só que esta classe e poder político tinham, realmente, outra forma de «fomentar» o mercado com o exterior, de modo a que ele deixasse de ser ilícito. Com efeito, os prospectores do contrabando, os amigos e comparsas políticos de todos os Nabeiros e Samarras deste país, tem mais que suficiente maioria no parlamento para legalizarem um comércio que, tal como se mantém, continua a ser clandestino e fraudulento e criminoso, quer queiram quer não.

Repetimos: Por que é que os referidos senhores não liberalizaram esse comércio, não só «inócuo» como «benfa-

zejo»?

Porque se dão mal com a legalidade (apesar de autarcas, deputados e mesmo ministros), ou porque querem «comer» sozinhos a farta fatia de interesses que só o contrabando lhes pode dar?

O «Semanário» de 4 de Março também deste ano, escreveu:

«Mas com Nunes Barata não só os socialistas caíram nas malhas das alfândegas. António Gomes, apoiante notório de Ramalho Eanes, em 1980, conhecido nos meios da economia paralela como o «Samarra», viu apreendidas 80 toneladas de bacalhau seco, que fazia passar por húmido. Há ano e meio o recado chegava às alfândegas: «Se tinha pago 20 mil contos por uma campanha eleitoral também pagaria 30 mil para afastar o (então) director-geral das alfândegas.»

Implicado ou não com os contrabandistas, o que é certo é que estas coincidentes penumbrosas existem e Nunes Barata, um homem do PSD, acaba por ceder, também ele, o lugar a um homem do PS, Paulo Magalhães, que os seus adversários nas alfândegas acusam de ter estado envolvido num negócio de relógios com indianos da Rua do Bem Formoso...

É que quem contacta com o mundo paralelo acaba por poder escolher entre conquistar simpatia ou despertar ódios.»

Ainda «O Diabo» e este de 5 de Março de 1985 trazia esta longa reportagem:

«O Diabo» referenciou, há duas semanas, acusações existentes contra um importante

industrial e comerciante no norte do país, António Gonçalves Gomes: designadamente, a existência de processos arrastando-se nos tribunais, onde avultam acusações de tráfico ilegal de pescado — bacalhau. António Gonçalves Gomes cabeça de um importante conjunto empresarial, a alargar-se continuamente com a previsível aquisição de empresas tidas em situação de falência:

Empresa de Pescas de Viana do Castelo (onde é, actualmente, presidente do respectivo Conselho de Administração); Casa Villares — Supermercados (Gomes & Valle, Lda.); So-redes — Produtora de Telas Metálicas, Lda.; Calcical — Indústrias de Cal (Cantanhede); Superminho — Sociedade Exploradora de Supermercados (Braga); Norporgel — Produtos Congelados do Norte (Matosinhos); Fábrica de Chocolates La Espanola — Cenon Pena & Hermano; Osório & Gomes (Braga); Gama & Gomes, Armazenistas de Mercearia (Gaia); Soci-gomes — Comércio & Turismo; António Gonçalves Gomes — Produtos Alimentares (Monção); Sosor — S. Comercial e Industrial de Produtos Alimentares de Ponte de Sor.

De Norte a Sul, de Monção ao Alentejo (Ponte de Sor, no distrito de Portalegre), uma vasta gama de interesses e relações interessantes. Por exemplo: nos armazéns de mercearia de Gaia, ligações com um nome conhecido do mundo do café — Gama; em Braga, com Joaquim Sequeira na «Superminho», nome relacionado com a história

Continua

SEBITUL

LOTEAMENTO TURISTICO

PRAIA D'AMOROSA

VIANA DO CASTELO

ALVARÁ N.º 677

VENDA DE LOTES PARA:

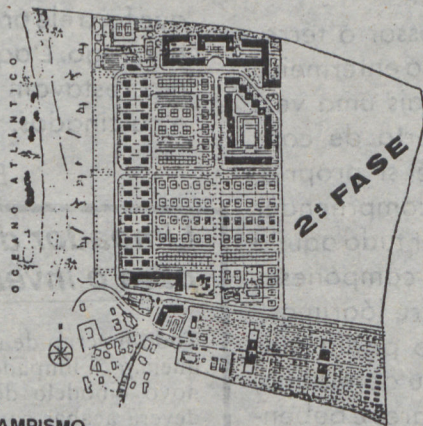
* MORADIAS
• individuais
• geminadas.
• em banda.

* BLOCOS
(4, 5 e 6 pisos)

* HOTEL
* RESTAURANTE

• ESCOLAS
• LOJAS
• PISCINAS
• DIVERSÃO
• DESPORTOS

* PARQUE DE CAMPISMO



O MAIOR EMPREENDIMENTO TURISTICO DA COSTA VERDE

Rua Andrade Corvo, 60-Sala 4 Tel. 77166 4700 Braga

INFORMAÇÕES NO LOCAL TODOS DIAS DAS 15H ÀS 18H

Domingues & Fernandes, Lda.

TELEFONE 28721 — 4900 VIANA DO CASTELO

INVISTA SEGURO — GARANTA O FUTURO

TEMOS PARA SI, nos melhores locais de VIANA, MEADELA e DARQUE

Moradias — Andares — Lojas Comerciais — Apartamentos
Tipo T1, T2 e T3 — Compre a sua habitação

Boas Facilidades de Pagamento — Condições especiais para emigrantes

Estamos inteiramente ao seu dispor. Informações todos os dias incluindo Sábados e Domingos através do telefone 2.87.21, Viana do Castelo.

O CONTRABANDO

de outra empresa, a «Arminho», e com financiamentos a várias organizações partidárias.

Trata-se, sem dúvida, de um império económico construído a pulso, mas com sucesso — a partir do nada ou do quase nada: um armazém de mercearia em Monção para onde entrou por via do casamento.

ANDANÇAS POLÍTICAS

Enquanto se aguardam as decisões dos tribunais sobre os processos pendentes, António Gonçalves Gomes é, pese a *vox populi*, figura «respeitável» no mundo dos negócios e da política: ex-líder do CDS em Monção, com ligações aos círculos socialistas de Braga, é um dos grandes amigos de Ramalho Eanes e seu suporte, não só em campanhas eleitorais. Viu-se envolvido nas peripécias que conduziram o eanismo até Tróia, à criação do respectivo partido.

Por ele passou a contestação ao secretariado do Porto da ex-CNARPE. Em Tróia, estes contestatários fizeram ouvir a sua voz através de uma carta aberta enviada ao plenário, na qual se critica que o secretariado do Porto seja constituído por «ex-PS de fresca data» e se reclama que «a representação provisória do Movimento, deveria ser confiada preferencialmente a independentes e/ou 'es's' de longa data». António Gonçalves Gomes é um ex de há quatro anos — em 1980, rompeu com a Aliança Democrática; em 4 de Dezembro de 1980, data do sinistro de Camarate, um seu sobrinho, António Amaral Gomes Campos, viu-se envolvido em graves incidentes em Monção e vincava desse modo o afastamento do «clan» relativamente à AD.

Promonitoriamente, os contestatários afirmavam em Tróia: «Ou construímos um partido fundado sobre os princípios de verticalidade e ética políticas que têm norteadado o comportamento político do Presidente Ramalho Eanes, para que ele se reveja nesse par-

tido e o aceite vir a liderar, ou construímos um partido que, proclamando-se como novo, é velho e relho, cuja liderança o cidadão Ramalho Eanes seguramente rejeitará».

Premonitoriamente: fala-se já hoje que Eanes pode vir a distanciar-se do novo partido. Entretanto, a verticalidade e a ética do cidadão Ramalho Eanes surge, neste documento, talhado à mesma medida do «contestatário» António Gonçalves Gomes. Este, grande apoiante da ex-CNARPE, o saberá melhor que ninguém: a sua amizade recíproca deverá ser de tanto a garantia.»

O FIDALGO

Acabavam de cair as últimas badaladas da meia noite do velho campanárioda da secular e rústica igreja daquela freguesia, nesse frígido inverno de 1862, e eis que umas chamas vermelhas como sangue fresco iluminaram todo o céu.

O sino tocava desesperadamente chamando por socorro dando o alarme, como ali era costume naquela terra.

Vieram para a rua os camponeses seguindo com os olhos o ponto das chamas, e disseram uns para os outros: — é no palácio do fidalgo, assim lhe chamavam. Mas que importa? Baixaram os braços.

Um deles, um velho de cabelos e barba cor de linho, gritou num assomo de censura para todos: «é na casa daquele que foi como nosso pai e continua a ser nos nossos corações como se ainda estivesse vivo, apesar do filho ser como todos nós sabemos. Vamos rapazes, é em memória do fidalgo, que vamos salvar quem lá está. E aqueles homens rudes, de semblantes hesitantes uniram as mãos, que antes tinham ficado caídas, e correram ofegantes.

Fidalgo, como era conhecido, que construira aquela casa, era um santo, como diziam os aldeões, pois tinha sempre um bondoso sorriso a acompanhar a esmola que dava e havia até dado ordens aos criados para darem de

comer aos mendigos que por lá passassem.

Tinha uma esposa que o acompanhava nessa caridade. Dessa união havia um filho, André, que desgostava muito os seus pais. Quando foi estudar para a cidade, os filhos dos lavradores ficaram todos contentes porque indo para a escola, podiam passar pelo caminho à vontade. O filho do rico, como eles diziam, já não lhes acirrava os cães, nem atirava pedras, deitando a língua de fora e rindo como um louco.

Formou-se em medicina mas, em vez de regressar a casa desapareceu tendo antes pedido ao pai uma avultada quantia. Talvez fosse essa a razão por que os fidalgos morreram cedo, diziam.

Nunca mais souberam do filho, que tinha seguido para o Brasil com uma formosa bailarina. Tempo depois, como uma ave de arribação, a bailarina desapareceu da sua vida. Como já não tinha dinheiro, foi trabalhar para um hospital, e conheceu uma enfermeira de cor, que o confortou do seu desconforto. Mas por magia do destino um belo dia veio-lhe à mão, um jornal português que um doente emigrante assinava e

por esquecimento deixara em cima da cama do hospital. Sem saber porquê, sentiu vontade de o ler, leu-o. Numa dessas páginas trazia o falecimento do pai, já viúvo havia pouco tempo. Quedou mudo e pálido naquele momento, e o seu coração degenerado e mau, chorou pela primeira vez sinceramente.

Resolveu regressar à terra. Não disse nada à enfermeira desapareceu mais uma vez. Ao entrar à porta de casa vacilou perante si próprio, mal podendo compreender como pode fazer tudo aquilo àqueles que os camponeses recordavam entre lágrimas.

Mas como não podia modificar-se, voltou ao mesmo, frequentando bares e bebendo. Um dia, num baile, conheceu uma menina por quem se apaixonou. Casaram.

Tinha-a fechada em casa, não a deixava sair. Era o tirano. Simplesmente a dei-

xava ter por companhia um minúsculo cão enquanto ele ia às caçadas e a todas as espécies de diversões. Regressando da caça ao lusco fusco encontrou perto das portas de casa um belo moço que ocasionalmente por ali passava. Ainda viu a sua mulher abrir a porta e entrar, porque, tendo fugido o cãozinho, viera busca-lo ao jardim, acariciando-o.

Julgou logo o pior e, agarrando-a, incriminou-a desesperadamente, sem ela saber porquê. Chorou e suplicou-lhe piedade, mas ele não sabendo julgar-se a si próprio como o poderia fazer para uma inocente? Sentia-se feliz por castigar. Fechou-a à chave no quarto e deu ordens para só lhe servirem as refeições.

Não a visitava. Diziam-lhe que ela não comia, só bebia as próprias lágrimas.

Certa manhã, a criada não a ouvira chorar, tinha se calado para sempre. Aterrorizados procuram André, sem o encontrar.

Já noite alta ouviram o trote de cavalo e contaram-lhe tudo, tendo André ficado mudo, silencioso, para seguidamente correr para o quarto como louco, pedindo que falasse que vivesse, que não voltaria a prendê-la. Tudo em vão. Enlouqueceu, diziam os lavradores ao vê-lo às janelas da casa, partindo os vidros, atirando pedras para o caminho e acirrando os cães como antigamente.

E na noite do incêndio desapareceu para não mais ser visto. Dizendo toda a gente que fora ele próprio que ateou o fogo. Daquela casa apenas restavam pedras negras e calcinadas.

Beatriz Lima

Limpador de parabrisa para o inverno

Todo inverno de novo: neve e gelo bloqueiam os limpadores de parabrisa. Um novo «modelo de inverno» da Bosch deverá acabar com a praga invernal. O limpador é envolvido por uma película protetora de borracha especial, altamente flexível e resistente ao frio. Nada poderá mais penetrar ou congelar, e mesmo sob condições extremas de inverno os limpadores de parabrisas trabalharão perfeitamente. Eles são produzidos para todos os modelos convencionais de veículos.

RONALD REAGAN

É o Presidente dos Estados Unidos da América do Norte. Tem 74 anos, foi eleito, pela segunda vez Presidente da grande Nação.

Em Julho foi operado a um tumor canceroso.

É um crente sincero; é contra o aborto; é por uma grande Nação.

Venceu as eleições.

Pergunta-se:

Quem é este vencedor num país de vencedores? É, simplesmente, o homem que, sem ser um super cérebro nem um trabalhador infatigável, soube pressentir o que estava no ar — o reencontro da sociedade americana com os valores que a cimentaram — e condensá-lo num estilo, num discurso, numa política. Ele foi a melhor imagem duma América renovada, liberta de traumas e perconceitos, de novo entregue ao trabalho, à sede de conquista, à ima-

ginação criadora. Enquanto que os seus antecessores passavam em mangas de camisa, atarefados, na sala oval da Casa Branca, ele sorria para as câmaras, de botas altas, no rancho de Santa Bárbara, onde não perdia um fim-de-semana. Porque a América que ele representava era a do optimismo juvenil da vitória em Los Angeles, do dinamismo tecnológico e empresarial de Silicon Valley, das novas fronteiras.

Tanto pior, se, para isso, os «buracos» orçamentais aumentaram como nunca, alguns pobres ficaram mais pobres, os pacifistas se alarmam: a inflação é finalmente contida, 5 milhões de novos empregos são criados só em 1983, nascem por ano 800 mil novas empresas, o índice de crescimento económico sobe aos 5% anuais, o grande adversário — a URSS — não avança um metro e até recua. A águia americana voa outra vez sobre uma terra que avança na síntese singular da moral tradicional com a modernidade tecnológica. Reagan tem mais quatro anos para

consagrar «uma certa ideia da América». E os seus adversários, para se recomporem e adaptarem aos anos 80 os discursos hoje ineficazes e anacrónicos.

Surdos ouvem

Na Faculdade de Medicina de Hanóver foi implantado em oito pacientes, que eram inteiramente surdos dos dois ouvidos, uma nova prótese para o ouvido interno, que lhes permite voltar a ouvir. O aparelho trabalha com uma técnica digital e só pode ser implantado em pacientes, cujos nervos auditivos e canais de

audição ainda estejam inteiramente intactos. Inicialmente, a operação só é possível para aqueles que deixaram de ouvir e não para os surdos de nascença. Mas dentro de dez anos, pode ser que a prótese ajude também nesses casos.



VENDEM-SE

PIPAS

(Tratar com o Sr. Araújo na Casa do Povo)

VENDE-SE

Carro de praça, com est. na Praça da República desta Vila.

Peugeot 505 em estado de novo (20.000 kms.).

Preço Total: 4.000 contos
Telef.: 42791

LEITE d'ALMEIDA

Doença dos Olhos

ANABELA S. GANDRA

Doenças Alérgicas e dos Pulmões

Tel. 71477 - Campo da Vinha,
23 - 2.º - BRAGA

RIBA MINHO

TINTO

O sabor da tradição

Quinta da Polita

Penso — Melgaço

Engarrafado na origem

VENDE-SE

LOTES NA VILA (ESTRADA DAS CARVALHIÇAS)

AUTORIZADA CONSTRUÇÃO

FALAR: MANUEL LIMA

TEL. 42182 ou

RUI MENESES

TEL. 42276

PASSA-SE

Estabelecimento comercial situado nesta vila.

Falar com o Proprietário.

Telef.: 42273

ELECTROVISÃO

Maria Adelaide Fernandes

agente oficial das marcas AEG

TELEFUNKEN e GRUNDIG

Assistência Técnica

VENDA DE APARELHOS

ELECTRODOMÉSTICOS

RUA DO RIO DO PORTO

TELEFONE 42650 - 4690 MELGAÇO

VENDE-SE EM AFIFE

VIVENDA COM 4 FRENTES

Telef. 22674 - 22205

VIANA DO CASTELO

EXPRESSO DO ALTO MINHO

Comodidade - Rapidez - Economia - Autopullman de luxo - Serviço de Bar

Escamarãotur-Viagens Turismo e Auto Viação Melgaço, Lda.

S. GREGÓRIO - BRAGA - LISBOA				S. GREGÓRIO - BRAGA - PORTO			
a	b	Localidades		a	b	Localidades	
7.45	19.15 P	S. Gregório	C 20.30	7.45	19.15 P	S. Gregório	C 20.30
8.00	19.30	Melgaço	20.15	8.00	19.30	Melgaço	20.15
8.40	20.15	Monção	19.40	8.40	20.15	Monção	19.40
9.15	21.00	Arcos de Valdevez	19.00	9.15	21.00	Arcos de Valdevez	19.00
9.30	21.10	Ponte da Barca	18.50	9.30	21.10	Ponte da Barca	18.50
9.50	21.30	Portela do Vade	18.30	9.50	21.30	Portela do Vade	18.30
10.00	21.40	Pico dos Regalados	18.20	10.00	21.40	Pico dos Regalados	18.20
10.10	21.50	Vila Verde	18.15	10.10	21.50	Vila Verde	18.15
10.30	22.20 C	Braga	P 18.00	10.30	22.20 C	Braga	P 18.00
11.00	22.30 P	Braga	C 17.45	11.00	22.30 P	Braga	C 17.45
12.30	23.45 C	Porto	16.15	12.30	23.45 C	Porto	16.15
13.00	00.00 P	Porto	16.15				
18.30	5.30 C	Lisboa	11.00				
Observações				Observações			
a) Excepto Sábados e Domingos				a) Aos Domingos			
b) Aos Domingos				b) Excepto Sábados e Domingos			

Continuação da pág. 1

segundo de D. João I de Castela. Em princípio, esta proposta não comprometia a independência nacional. A situação, porém, não era tranquilizadora: D. Fernando era doente e tinha apenas uma filha herdeira de tenra idade, numa época em que a mortalidade infantil era elevada; D. Beatriz era sempre oferecida em casamento a príncipes estrangeiros, à medida que os tratados, solicitados ou impostos, eram assinados; além disso, havia numerosos castelhanos instalados em posições importantes e até mesmo nos serviços centrais. A gravidade desta situação tinha-se revelado já no período de 1376-1378, em que, devido à doença do rei, D. Leonor Teles esteve mais ligada à acção governativa. Nessa altura, o Infante D. João — como o Infante D. Dinis, seu irmão mais novo — filho bastardo de D. Pedro I e de D. Inês de Castro, concebeu e alimentou um projecto de solução para a sucessão a D. Fernando, baseado no seu casamento com a herdeira, D. Beatriz. A isso obstava o seu casamento secreto com D. Maria Teles, irmã da rainha. Fascinado por essa ideia, não hesitou tirar-lhe a vida da forma lancinante e brutal descrita por Fernão Lopes, na *Crónica de D. Fernando* (cap. 103). A consequência imediata foi ter de se exilar no reino vizinho.

Os acontecimentos futuros viriam confirmar a justeza dos receios e angústia sentidos pelos mais conscientes quanto aos riscos a que estava exposta a nossa independência. E o mais surpreendente é que a agudização desse estado de coisas tenha de se imputar ao próprio rei de Portugal, pelo menos formalmente, atenta a sua qualidade de primeiro responsável pela política nacional. Com efeito, tendo falecido a rainha de Castela, em Setembro de 1382, logo D. Fernando enviou ao rei viúvo, D. João I, uma embaixada chefiada por João Fernandes Andeiro, propondo-lhe o casamento com D. Beatriz, anteriormente prometida ao seu filho D. Fernando.

Os emissários portugueses encontraram o soberano de Castela em Pinto, próximo de Toledo. Conhecido o teor da mensagem, reagiu da melhor forma, pois no dizer de Fernão Lopes, "*El rei folgou com este recado. . . crendo per tal juntamente aver ho regno de Portugal por seu. . .*". Foi na sequência desta proposta que se desenrolaram as negociações conducentes ao tratado de *Salvaterra de Magos*, de 2 de Abril de 1383, que fixou as condições do casamento do rei de Castela com a herdeira do trono português.

Como se isto não bastasse, em 26 de Junho de 1383, D. Fernando ordenou às vilas e concelhos do Reino que enviassem a Santarém dois procuradores, expressamente eleitos para jurarem o tratado de *Salvaterra de Magos*, como efectivamente veio a acontecer em finais de Agosto. Menos de dois meses depois, em 22 de Outubro de 1383, faleceu D. Fernando, deixando assim, o País a braços com uma das mais graves crises da sua História.

Como eclodiu, evoluiu e foi resolvida dir-se-á a seguir.

(Continua).

J. MARQUES

POR QUE DEVEMOS VOTAR?...

Para melhorar o nosso nível de vida...

Portugal tem o nível de vida mais baixo da Comunidade Europeia, de que fazemos parte.

A Grécia, país pequeno e pobre, tem um nível de vida superior ao nosso.

Para evitar a degradação financeira

Nos primeiros cinco meses deste ano só os consumos de aço e de cimento decresceram 16,4 e 12,1 por cento.

Para evitar a degradação do funcionalismo público

Segundo informou o Sindi-

cato dos Quadros Técnicos do Estado, há, presentemente, 530 mil funcionários públicos, quase o dobro dos que existem na Grã-Bretanha com cinquenta milhões de habitantes, quando Portugal tem menos de 10 milhões.

Para evitar salários em atraso

De acordo com a informação da Intersindical, há 109 mil trabalhadores com salários em atraso.

Para evitar a falência das empresas

Um jornal espanhol noticiou que no primeiro semestre deste ano foram à falência 102 empresas, o que expressa o aumento de 21 por cento com referência ao semestre anterior.

Trata-se, em sua maioria, de empresas, pequenas e médias.

Para evitar o descrédito da democracia

Em Carcavelos, junto de Lisboa, efectua-se uma feira semanal, às quintas, de manhã.

Numa destas feiras, um vendedor de colchas gritava:

«... Viva a democracia que rouba de noite para vender de dia».

Votar, sim! mas em consciência!

Vem aí a campanha eleitoral. Os diversos partidos vão fazer comícios e reuniões, prometendo à população um melhor nível de vida, emprego para todos... O que podem e não podem. É o costume! Os nossos políticos não são pecos a prometer!

No entanto, muitos dos eleitores estão já de tal modo desiludidos que são tentados a não participar no acto eleitoral. É um erro! Cada um tem a obrigação grave de votar segundo a sua consciência, ponderadas todas as razões, para que o seu voto possa contribuir para o maior bem do País. Não poderemos ficar de braços cruzados e cair no absentismo, dizendo que já não vale a pena, que na-

da muda, que tudo continua de mal a pior. Essa atitude cobarde é que poderá dar azo a que outros, que se apresentam como arautos da salvação nacional e amigos do povo, levem a sua avante e, uma vez apanhados nos postos de comando, espezinhem os que não quiseram diligenciar no voto útil e até mesmo os que, incautamente, para lá os guindaram...!

Portugal gloria-se de ser católico. Não será verdade que os grandes partidos do nosso País são formados precisamente por católicos, em grande parte, não só de mentalidade como até de prática religiosa?... E poderão, em boa consciência, repetir o erro de lançar o seu boletim de voto nas urnas de quem têm ditado leis contrárias às da Moral católica, como por exemplo a nefanda lei do aborto, a do acesso de menores ao uso «indiscriminado e gratuito» de contraceptivos, mesmo sem licença e conhecimento dos seus Pais e Responsáveis de educação, etc?...

Todos devem votar. Mas recordando-se cada um que «pelos frutos se conhece a árvore». E há árvores por aí que já deram maus frutos que cheguem.

De «O AMIGO DO POVO»

Com catalisador

A cozinha, no futuro, não deverá cheirar a carne assada ou a couve recheada. Isso é o que promete a firma Küppersbusch, que a partir de maio de 1985 lançará no mercado um forno de micro-ondas com um catalisador de metal precioso. O catalisador queima os odores



cozinha diretamente após a emissão. Ele deverá garantir o ar puro da cozinha de maneira mais rápida, mais feita e, principalmente, mais econômica que os aparelhos com auto-purificação existentes até agora.